

Viktor E. Frankl

10^a edição

A presença
ignorada de
Deus



Título do original alemão: Der Unbewusste Gott (Psychotherapie und Religion), 7ª edição alemã modificada, 1988. © Kösel-Verlag GmbH & Co. Munique, República Federal da Alemanha.

Os direitos da edição brasileira estão reservados à

Editora Sinodal

Rua Amadeo Rossi, 467

Caixa Postal 11 – 93001-970 – São Leopoldo – RS

Tel./fax: 051 3590.2366

www.editorasinodal.com.br

Co-editora:

Editora Vozes

Rua Frei Luís, 100

25689-900 – Petrópolis – RJ

www.editoravozes.com.br

F831p Frankl, Viktor E.

A presença ignorada de Deus / Viktor E. Frankl. Traduzido por Walter O. Schlupp e Helga H. Reinhold. 10. ed. rev. – São Leopoldo : Sinodal ; Petrópolis : Vozes, 2007.

14x21 cm. ; 130p.

ISBN 978-85-233-0887-2

Título original: Der unbewusste Gott.

1. Logoterapia. 2. Psicologia. 3. Psiquiatria. I. Schlupp, Walter O. II. Reinhold, Helga H. III. Título.

CDU 159.9:615.851

Catálogo na publicação

Leandro Augusto dos Santos Lima – CRB 10/1273

Sumário

<u>Introdução à edição brasileira</u>	<u>5</u>
<u>Prefácio à sétima edição alemã</u>	<u>10</u>
<u>Prefácio à terceira edição alemã</u>	<u>10</u>
<u>1. A essência da análise existencial.....</u>	<u>13</u>
<u>2. O inconsciente espiritual</u>	<u>19</u>
<u>3. Análise existencial da consciência moral.....</u>	<u>29</u>
<u>4. Interpretação analítico-existencial dos sonhos</u>	<u>37</u>
5. A transcendência da consciência	48
6. Religiosidade inconsciente	57
7. Psicoterapia e religião.....	68
<u>8. Logoterapia e teologia</u>	<u>73</u>
9. O médico como “cura d’almas”	81
10. O órgão de sentido.....	85
11. A autocompreensão ontológica pré-reflexiva do ser humano	89
12. O ser humano em busca de um sentido último.....	98
Bibliografia de logoterapia em língua portuguesa e espanhola	119
<u>Índice de assuntos</u>	<u>129</u>

Introdução à edição brasileira

A psicologia profunda segue o ser humano até as profundezas de seus instintos, mas muito pouco às profundezas de seu espírito.

Frankl

O Dr. Viktor Frankl, criador da logoterapia, a terceira escola de psicoterapia de Viena, que nós brasileiros já admirávamos através de suas obras, esteve entre nós, comprovando sua inteligência ímpar, seu caráter incomum e sobretudo sua sabedoria de vida, ministrando suas criativas lições de logoterapia quando realizamos o I Encontro Humanístico-Existencial – Logoterapia, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul em Porto Alegre. Nesta ocasião, 1.200 participantes, com entusiasmo, ouviram e aplaudiram o Dr. Frankl. Também nesta oportunidade foi fundada a Sociedade Latino-Americana de Logoterapia, congregando pessoas de vários países num mesmo objetivo e num mesmo ideal: a divulgação da logoterapia como uma interpretação científica digna da pessoa e como uma mensagem de esperança para a humanidade deste século.

Na obra *A Presença Ignorada de Deus*, Frankl vai às profundezas do espírito humano ultrapassando as fronteiras do psicofísico em direção à consciência, ao inconsciente espiritual e à existência humana – à pessoa profunda. E nesta profundidade encontra a manifestação da presença de Deus.

Tentaremos apresentar aqui algumas das principais idéias desenvolvidas por Frankl nesta obra.

Ele faz neste livro, ora traduzido, um reparo à psicologia profunda que é identificada com o “id” inconscien-

te, tornando-se reducionista. Essa psicologia, reduzindo os fenômenos humanos à facticidade psicofísica, descuidou-se da pessoa “propriamente dita” em sua totalidade, que é o objeto da logoterapia. Aquela psicologia atém-se apenas ao plano psicológico e esquece o plano ontológico.

A logoterapia, como análise existencial que é, reconhece na pessoa a “dimensão noológica” situada além do psicofísico, numa visão mais ampla que inclui o espiritual, entendida não apenas como dimensão religiosa, mas valorativa, intelectual e artística. Especialmente nesta obra, Frankl aplica o conceito de inconsciente, encontrando no seu conteúdo, além da impulsividade inconsciente, uma espiritualidade inconsciente. Ao reconhecer o inconsciente espiritual, Frankl também afasta toda intelectualização e racionalização unilaterais sobre a essência do ser humano, que reconhecem-no somente a partir da razão. Vê no ser humano uma unidade na totalidade que inclui: corpo, psiquismo e espírito (*noos*).

Introduz na prática terapêutica uma “*psicologia a partir do espiritual*”, entendida amplamente e incluindo a dimensão da religiosidade no inconsciente humano. Ele a encontrou em alguns momentos limítrofes da existência de seus pacientes, e ela tornou-se também manifesta na trágica experiência dos campos de concentração nazistas, onde Frankl foi o “psicólogo mártir”, que registrou com o olhar de cientista e sofreu como homem aqueles momentos de dor.

Como terapeuta experiente, descobriu ainda a religiosidade em estado latente no interior do sujeito, muitas vezes só revelada através da análise dos sonhos, inclusive de pessoas irreligiosas.

É a essa tendência inconsciente para Deus que Frankl chamou de estado inconsciente de relação com Deus ou “*presença ignorada de Deus*”. Não constitui a divinização do inconsciente, como o próprio autor esclarece, nem pode ser considerada uma afirmação panteísta ou ocultista, nem é uma afirmação teológica de que Deus

vive no inconsciente. Frankl fala de uma espécie de “fé” inconsciente e de um “*inconsciente transcendental*” que inclui a dimensão religiosa.

O psiquiatra vienense relata seu trabalho terapêutico com o objetivo de tornar conscientes vários aspectos reprimidos, inclusive a religiosidade reprimida, que ocorre quando a relação com a transcendência está perturbada. Afirma que a fé, na escala individual, quando se atrofia, transforma-se em neurose e, na escala social, degenera em superstição. Mostra igualmente que o sentimento religioso natural tem sido vítima da repressão por parte da razão absoluta ou da inteligência tecnicista.

Frankl discorda de Freud, que considerou a religião como a sublimação dos impulsos sexuais, denominando-a de “*neurose obsessiva da humanidade*”. Frankl valoriza a religião como um fenômeno humano a ser considerado pela psicologia, afinando-se com o pensamento de Jung, James, Bergson, Otto, Scheler e outros.

Importa ressaltar que Frankl, embora considerando a religião como um fenômeno humano entre outros, ao estabelecer as relações entre a logoterapia e as ciências teológicas, procura manter a delimitação entre esta e a teologia, resguardando a neutralidade do psicoterapeuta frente às questões religiosas.

Frankl exclui do estudo da logoterapia qualquer comprometimento com confissão religiosa.

Quanto aos fins da psicoterapia e da religião, Frankl destaca-os com muita clareza. O fim da psicoterapia é a saúde mental, enquanto o da religião é a salvação das almas. Portanto não se confundem. Entretanto, poderão resultar efeitos profiláticos ou psicoterapêuticos quando a pessoa experimenta alívio psicológico ao considerar sua transcendência, ao encontrar o *sentido último* da vida em Deus ou ao sentir-se ancorada no *absoluto*. Na logoterapia, o tratamento psicoterapêutico permite libertar a fé primordial reprimida no inconsciente.

Cabe a Frankl a originalidade do conceito do “*inconsciente transcendental*”, cuja riqueza não está circunscrita somente à dimensão da religiosidade, mas também se refere à dimensão intelectual ou artística, consideradas como forças primárias e dinamizadoras deste mesmo inconsciente. Com isso Frankl restitui à produção humana e à criação artística a dignidade que lhes é merecida, pois emergem não do “porão” dos instintos, mas das alturas do espírito. Aliás, Frankl parafraseia Kafka, que disse: “A verdadeira profundidade do Homem é sua altura” (Kafka, apud Frankl. *La idea psicológica del hombre*. Madrid: Rialp, 1979. p. 126).

Assim, ultrapassando a visão do homem-máquina e do *homo natura*, Frankl encontra o *homo humanus*, que usa o cinzel para eternizar na pedra um sentimento, que usa o canto ou a prece para comunicar o belo ou o santo. É também aquele que anseia pelo espiritual e vai além do impulso para eternizar uma idéia, uma obra ou alcançar o Eterno, o Supra-Sentido, no seio do próprio Deus.

A logoterapia, portanto, é uma psicologia que, sem perder o rigor científico, introduz a noção de transcendência na ciência do ser humano. Vai além da imanência, rumo à transcendência, transformando-se numa mensagem libertadora do ser humano, ao libertá-lo dos determinismos, tanto psicológicos como sociais.

Com a mesma maestria e profundidade com que descreve o inconsciente espiritual, Frankl analisa a consciência e sua característica transcendental. Eleva o conceito de consciência humana reduzido ao superego introjetado dos pais ou ao arquivo de normas sociais e morais.

Apresenta a consciência que, descoberta fenomenologicamente, vai muito além das funções de mera censuradora para dar sentido e apontar valores.

Frankl pergunta pela origem dessa consciência e conclui que é transcendente. Psicologicamente, diz ele, um fenômeno que transcende o plano espiritual. Reconhe-

ce no diálogo da consciência a expressão de uma relação do eu-Tu, também aceita por Buber, Jaspers e Marcel. A “voz da consciência” é para Frankl a “voz da transcendência”: não uma ultimidade, mas uma penúltimidade.

E é essa consciência que indica o sentido – o motor básico da existência segundo a “psicologia do *logos*”. Também a responsabilidade, que é a virtude especial da logoterapia, tem sua origem na consciência.

Humanismo e transcendência, portanto, marcam a obra de Frankl. Certamente ele desceu neste livro a grandes profundidades do ser humano e ascendeu com ele para as grandes alturas da existência.

Situando o fenômeno do inconsciente humano além dos instintos, o fenômeno da consciência além da imanência e o fenômeno do ser humano além do psicofísico, Frankl restitui ao ser humano uma visão mais condizente e mais plena de dignidade.

Dilatando a psicologia além da descrição mecânico-naturalista, libertou-a do determinismo psicologista que a escravizava.

Ultrapassando a psicoterapia conceitual, técnica e classificatória, Frankl, no encontro existencial de paciente-terapeuta, encontrou o próprio Homem.

E no *homo patiens* descobriu aquele que vai além do sofrimento, sendo capaz de dar um sentido à dor e sobreviver na esperança.

Nesse “giro copérnico”, como foi denominado por Allport, o pensamento de Frankl certamente proporcionou à ciência psicológica um encontro com o Homem mais pleno de humanidade.

Izar Aparecida de Moraes Xausa
Centro Viktor Frankl de Logoterapia
Porto Alegre/RS

Prefácio à sétima edição alemã

À sétima edição foi acrescentado um capítulo, o décimo segundo, para o qual serviu de base a tradução alemã de uma conferência pronunciada em inglês* na ocasião em que me foi entregue o prêmio Oskar Pfister pela Sociedade Americana de Psiquiatras, durante sua reunião anual de 1985, em Dallas, Texas. Foi a primeira vez que esse prêmio foi outorgado a um não-americano. O prêmio recebeu esse nome em homenagem ao teólogo suíço Oskar Pfister, amigo e discípulo proeminente de Sigmund Freud. A correspondência que ambos trocaram durante anos foi publicada neste meio tempo (*Briefe 1909-1939*, editado por E. Freud/H. Weng, Frankfurt, 1981).

Além disso, esta edição apresenta uma bibliografia atualizada.

Viena, maio de 1988

Viktor E. Frankl

Prefácio à terceira edição alemã

Este livro originou-se de uma conferência que tive de pronunciar diante de uma platéia que não chegou a uma dúzia de pessoas e para a qual fui convidado por um círculo de ouvintes constituído por alguns intelectuais

* A versão inglesa constitui o último capítulo do meu livro *Logotherapie und Existenzanalyse (Texte aus fünf Jahrzehnten)*, editado pela Editora Piper, München, 1987.

vienenses, pouco tempo após a Segunda Guerra Mundial. A conferência foi lançada em forma de livro, numa primeira edição, em 1948.

Foi com hesitação que concordei com a sugestão da editora Kösel de publicar uma nova edição deste livro, pois, precisamente em vista de todo esse tempo transcorrido, ficou evidente para mim que já não mais poderia manter, em todos os seus detalhes, aquilo que defendi na primeira redação da obra. No prefácio da edição inglesa, pergunto: "Ou será que preciso me envergonhar porque, neste meio tempo, minhas concepções sofreram uma evolução?"

É verdade que acabei efetuando algumas modificações insignificantes no texto. Porém, na minha opinião, *A presença ignorada de Deus* é, dentre todos os meus livros, aquele que já tem sido mais revisto e aperfeiçoado. Assim, teria sido uma pena fazer acréscimos ao texto (capítulos 1 a 7) que destruiriam seu traçado sistemático. Aceitei então uma proposta alternativa do conselho editorial, selecionando, de uma série de minhas publicações posteriores, material referente aos pontos temáticos essenciais de *A presença ignorada de Deus*, reunindo-o sob a forma de um suplemento (capítulos 8 a 11).

Porém, não apenas quanto ao estado atual de seus resultados, a logoterapia não deveria ser julgada única e exclusivamente a partir de *A presença ignorada de Deus*, mas também quanto à sua envergadura. A esse respeito, a bibliografia relativamente extensa poderá fornecer ao leitor indicações não só quanto às obras que tratam da aplicação da logoterapia no campo teológico-psicoterapêutico, mas também quanto aos escritos referentes à prática clínica. Dentro desta prática clínica, aborda questões sobre técnicas terapêuticas, a teoria da motivação em logoterapia (a doutrina da "vontade de sentido") e o sentimento de falta de sentido, cada vez mais difundido atualmente.

Diante desta neurose de massa, que se propaga de maneira acelerada, ninguém que seja honesto e leve a psicoterapia a sério pode jamais se esquivar do confronto com a teologia – nem hoje, nem vinte e cinco anos atrás.

Viena/San Diego
janeiro de 1974

Viktor E. Frankl

Ecce labia mea non cohibui.

1. A essência da análise existencial

Arthur Schnitzler, famoso poeta de Viena e contemporâneo de Sigmund Freud, legou-nos um ditado segundo o qual existem apenas três virtudes: objetividade, coragem e senso de responsabilidade. É tentador relacionar cada uma dessas virtudes com uma das escolas de psicoterapia que surgiram em solo vienense.

É óbvio que a virtude da coragem pertence à psicologia adleriana. O adleriano, afinal de contas, encara todo o procedimento terapêutico, em última análise, como nada mais que uma tentativa de encorajar o paciente. O propósito desse encorajamento é ajudar o paciente a vencer seu sentimento de inferioridade, o qual, para a psicologia adleriana, constitui um fator patogênico decisivo.

Da mesma forma, outra das virtudes mencionadas se enquadra na psicanálise freudiana – a objetividade. Que outra coisa poderia ter capacitado Sigmund Freud como Édipo a olhar nos olhos da esfinge – a psique humana – e decifrar seu enigma, arriscando uma terrível descoberta? Para sua época, semelhante realização foi colossal, e colossais foram seus resultados. Até então, a psicologia, principalmente a psicologia acadêmica, havia evitado tudo aquilo que Freud colocou no centro de sua teoria. O anatomista Julius Tandler jocosamente se referia à *somatologia* ensinada nas escolas secundárias de Viena como a *anatomia com exclusão dos órgãos genitais*; da mesma forma, Freud poderia ter dito que a psicologia acadêmica era a psicologia com exclusão do libidinoso.

No entanto, a psicanálise não somente adotou a objetividade, mas sucumbiu a ela. A objetividade finalmente levou à objetivação ou coisificação, isto é, fez do ser humano uma coisa. A psicanálise vê o paciente como sendo regido por *mecanismos*, e o terapeuta como aquele que sabe lidar com tais mecanismos. Ele é a pessoa que conhece a técnica de consertar esses mecanismos quando defeituosos.

Mas por trás da interpretação da psicologia em termos de mera técnica espreita o cinismo. É verdade que vemos o terapeuta como simples técnico somente se primeiro virmos o paciente como um tipo de máquina. Somente um *homme machine*, diria eu, precisa de um *médecin technicien*.

Como foi que a psicanálise chegou a essa concepção técnico-mecanicista? Isso é compreensível se considerarmos a época histórica em que surgiu a psicanálise, bem como seu contexto social, impregnado de puritanismo. A psicanálise surgiu como uma resposta a tudo isso – uma reação sem dúvida *reacionária*, visto que hoje muitos desses aspectos estão superados. Mas Freud não apenas reagiu à sua época, como também agiu a partir dela. Quando formulou sua teoria, ele o fez completamente sob o impacto e a influência do associacionismo, que naquela época estava começando a dominar a psicologia. O associacionismo, no entanto, fora o produto do naturalismo, uma ideologia típica da segunda parte do século XIX e do começo do século XX. Dentro da teoria de Freud, isso se apresenta de forma mais conspícua em duas características básicas da psicanálise: seu atomismo psicológico e sua teoria da energia psíquica¹.

A psicanálise percebe o todo da psique de uma forma atomística, na medida em que concebe a psique como sendo integrada de partes separadas, isto é, de vários impulsos que, por sua vez, são compostos por impulsos parciais, os assim chamados *componentes impulsores*.

Dessa forma, o psiquismo não será apenas atomizado, mas totalmente anatomizado, transformando-se a análise da psique na sua anatomia.

Assim, de certa forma, a integridade da pessoa é destruída. Poder-se-ia até dizer que a psicanálise despersonaliza o ser humano. Em contrapartida, ela personifica aspectos individuais dentro da totalidade da psique, aspectos que, muitas vezes, estão em conflito uns com os outros. Às vezes, não são só personificados, mas até mesmo *demonizados*, por exemplo, quando se considera o id ou os “complexos” de associação como se fossem entidades relativamente independentes e pseudopessoais².

Desta forma, a psicanálise destrói o todo unificado que é a pessoa, para depois encontrar-se diante da tarefa de reconstruir a pessoa a partir dos fragmentos. Isso se revela de forma mais nítida na hipótese de Freud de que o ego é composto de muitos *impulsos do ego*. De acordo com essa hipótese, o censor que reprime os impulsos é, por sua vez, um impulso. Para mim, isso equivale a dizer que o construtor que ergueu um prédio de tijolos é ele próprio feito também de tijolos. O que se manifesta nessa metáfora é o materialismo que permeia todo o pensamento psicanalítico. Esse materialismo inerente à psicanálise constitui mesmo a causa última do seu atomismo.

Já mencionamos que, além do atomismo, a psicanálise também defende a teoria da energia psíquica. A psicanálise, de fato, opera constantemente com os conceitos de energia pulsional³ e dinâmica afetiva. Os impulsos, assim como seus componentes, funcionam da mesma forma como aquilo que a física denomina de *paralelograma de forças*. Mas qual o objeto dessas forças? A resposta é: o eu, ou ego. Em última análise, do ponto de vista psicanalítico, o ego não passa de um brinquedo dos impulsos. Ou, como certa vez disse o próprio Freud, o ego não manda em sua própria casa.

Desta maneira vemos como os fenômenos psíquicos não apenas são reduzidos geneticamente aos impulsos, mas também determinados causalmente por esses impulsos. Em ambas as direções, isso ocorre em sentido totalitário. A psicanálise interpreta o ser humano a *priori* como ser dirigido ou impulsionado. Essa é também a razão última pela qual o ego, uma vez desmembrado, tem que ser reconstruído a partir dos impulsos.

Com tal conceito atomístico, energético e mecanicista⁴, a psicanálise percebe no ser humano, em última análise, o automatismo de um aparelho psíquico.

E é precisamente neste ponto que entra a análise existencial. Ela coloca outro conceito do ser humano em contraposição ao da psicanálise. Em lugar do *automatismo do aparelho psíquico*, preconiza a *autonomia da existência espiritual*. E desta forma voltamos ao nosso ponto de partida, à relação das três virtudes de Schnitzler. Assim como pudemos aplicar a virtude da objetividade à psicanálise, e a da coragem à psicologia adleriana, podemos atribuir à análise existencial a virtude do “senso de responsabilidade”. De fato, a análise existencial interpreta a existência humana, em sua essência mais profunda, como ser-responsável e compreende a si própria como uma “análise dirigida ao ser-responsável”. Quando se impôs a necessidade de criar o conceito de análise existencial⁵, achava-se disponível para designar esse ser-responsável, que colocamos no centro da existência humana, um termo já utilizado pela filosofia contemporânea para essa maneira característica e singular de ser do ser humano: justamente a palavra “existência”.

Se quisermos efetuar, em poucas palavras, uma retrospectiva do caminho que a análise existencial percorreu para chegar a reconhecer a responsabilidade como característica fundamental da pessoa, teremos que partir daquela inversão que já fomos obrigados a fazer ao indagar sobre o sentido da existência⁶. Tentamos então mos-

trar o caráter de dever, ou missão, da vida e, simultâneo a ele, o caráter de resposta da existência. Explicamos que não é o ser humano quem faz a pergunta sobre o sentido da vida, mas, ao contrário, o próprio ser humano é o interrogado, é ele que deve responder, que deve dar respostas às eventuais perguntas que sua vida possa lhe colocar. Porém, essas respostas serão sempre dadas “através de atos”: somente pela ação poderão ser verdadeiramente respondidas as “perguntas vitais”. Essas respostas são dadas pela responsabilidade assumida pela nossa existência, em cada situação. Na verdade, a existência só poderá ser “nossa” se for responsável.

Além disso, a responsabilidade de nossa existência não está somente “na ação”, mas necessariamente “no aqui e agora”, ou seja, na concretude de determinada pessoa numa determinada situação. Assim, a responsabilidade da existência é sempre uma responsabilidade *ad personam e ad situationem*.

Enquanto método psicoterapêutico, a análise existencial dirige-se especialmente ao modo de ser neurótico, considerado uma existência “deteriorada” ou “decadente”, vitimada pela neurose. Seu objetivo último será conscientizar o ser humano (e aqui especialmente o neurótico) de seu ser-responsável, ou trazer perante sua consciência o caráter de responsabilidade da existência.

Aqui precisamos nos deter um pouco. Neste ponto torna-se evidente que, também na análise existencial, algo precisa se conscientizar, precisa ser tornado consciente. Será que com isso, aparentemente, o empenho da análise existencial é análogo ao da psicanálise? Não é bem assim, pois na psicanálise se fará consciente, ou se trará à consciência, algo impulsivo, enquanto que na análise existencial algo essencialmente diferente do impulsivo – algo espiritual – será conscientizado. Afinal, o ser-responsável, ou ter responsabilidade, é a base fundamental da pessoa enquanto ser espiritual, não meramente impulsivo. E a

análise existencial tem por objetivo o ser humano, não como ser impulsionado, mas como ser responsável, ou seja, sua existência espiritual!

Assim, na análise existencial, o que vem à minha consciência não é o impulsivo, relativo ao id, mas meu próprio eu. Não é o id que se torna consciente ao eu, mas o eu se torna consciente de si mesmo: vem a ter consciência de si mesmo, encontra-se... a si mesmo.

Notas

- 1 É verdade que atualmente a psicanálise já admite a existência de uma área não-conflitiva no ego (Heinz Hartmann). Porém, não se justifica elogiar a psicanálise por ela ter admitido algo que os não-psicanalistas sempre souberam e nunca negaram, como o fizeram os psicanalistas. Em resumo, não há por que a psicanálise deveria receber medalhas de coragem em função de suas táticas de combate por ocasião de sua retirada.
- 2 Neste sentido, de acordo com Medard BOSS, a psicanálise chega a construir a hipótese, ou melhor, a hipóstase, de "uma instância do ego ou do id, uma instância do inconsciente e um superego, servindo-se da velha técnica dos contos infantis. Também esses costumam isolar os comportamentos maternos desejados pela criança de suas outras possibilidades, condensando-os na representação de uma instância autônoma, a da boa fada. Por outro lado, os comportamentos desagradáveis que a criança não aceita, e até teme, são personificados na idéia de uma bruxa. Da mesma forma que a crença nesses personagens dos contos de fada não pode ser mantida, é provável que também as representações psicológicas dessas instâncias não poderão ser sustentadas por muito tempo no futuro" (*Schweizerische Zeitschrift für Psychologie und ihre Anwendungen*, n. 19, p. 299, 1960).
- 3 Cf. FREUD, Sigmund. *Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie*. 7. ed. Viena, 1946. p. 108: "A produção de excitação sexual (...) fornece uma reserva de energia que será utilizada, em grande parte, para fins não-sexuais, isto é (...) (mediante repressão) para erigir posteriormente as barreiras sexuais". Ou na p. 92: "Verificamos, pois, que ela (a libido) se concentra em objetos, fixa-se neles, ou então, abandona esses objetos, passando deles para outros e, a partir dessas posições, dirige a atividade sexual do indivíduo". (Versão em português: Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: *Obras Psicológicas Completas de S. Freud*. Ed. Standard Brasileira, Rio de Janeiro: Imago, 1972. v. VII.)
- 4 Afinal, foi o próprio FREUD quem designou os psicanalistas de "mecânicos e materialistas incorrigíveis". (*Schriften*, edição londrina, ano XVII, n. 29.)
- 5 Cf. FRANKL, Viktor. Philosophie und Psychotherapie; zur Grundlegung einer Existenzanalyse. *Schweizerische medizinische Wochenschrift*, n. 69, p. 707, 1938.
- 6 Cf. FRANKL, Viktor. *Ärztliche Seelsorge; Grundlagen der Logotherapie und Existenzanalyse*. 1. ed. Viena, 1946; 14. ed. Frankfurt am Main, 1987. (Versão em português: *Psicoterapia e sentido da vida; fundamentos da logoterapia e análise existencial*. 2. ed. São Paulo: Quadrante, 1986.)

2. O inconsciente espiritual

Nossas explanações do capítulo anterior corrigiram essencialmente a idéia muito difundida até então sobre a extensão do inconsciente. Assim, ao delimitarmos o conceito de "inconsciente", sentimos a necessidade de efetuar algo como uma revisão de limites: não se trata mais de um simples inconsciente instintivo, mas também de um inconsciente espiritual. O inconsciente não se compõe unicamente de elementos instintivos, mas também espirituais. Desta forma, o conteúdo do inconsciente fica consideravelmente ampliado, diferenciando-se em instintividade inconsciente e espiritualidade inconsciente.

Anteriormente, através da chamada logoterapia¹ – considerada uma "psicoterapia a partir do espiritual" – já havíamos tentado introduzir na prática médica o espiritual, como um âmbito essencialmente diferente e independente da esfera psicológica *stricto sensu*, constituindo um complemento necessário à psicoterapia tradicional. Agora surge a necessidade de incluir o espiritual no inconsciente, o que precisamente chamamos de inconsciente espiritual.

Processa-se assim uma espécie de reabilitação do inconsciente, o que em si não constitui um fato novo; há muito tempo fala-se, na literatura especializada, das "forças criadoras" do inconsciente, ou de suas tendências "prospectivas". Porém, até então não fora feita aquela divisão nítida tão necessária – conforme veremos adiante –: a divisão ou, se preferirmos, confrontação, entre o instintivo e o espiritual dentro do inconsciente.

De qualquer maneira, Freud viu no inconsciente apenas a instintividade inconsciente; para ele, o inconsciente era primordialmente um reservatório de instintivi-

dade reprimida. Na realidade, porém, não só o instintivo é inconsciente, mas o espiritual também. Conforme iremos demonstrar adiante, o espiritual, assim como a própria existência, é algo imprescindível e, enfim, necessário, por ser essencialmente inconsciente. Num certo sentido, a existência é sempre irrefletida, simplesmente porque não pode ser objeto de reflexão.

Uma vez estabelecido que tanto o instintivo quanto o espiritual podem ser inconscientes, ou seja, que o espiritual pode ser consciente ou inconsciente, precisamos nos perguntar agora sobre a nitidez na demarcação desse duplo limite. Verificamos que o limite entre consciente e inconsciente é muito fluido, ou permeável: passa-se facilmente de um para outro. Basta lembrar a realidade daquilo que a psicanálise, desde seu início, designa como repressão: no ato da repressão algo consciente torna-se inconsciente e vice-versa; ao cessar a repressão, algo inconsciente volta a tornar-se consciente. Com isto, após termos nos confrontado com o fato da "reabilitação do inconsciente", estamos agora diante de um novo fato: a relativização do estado da consciência*, o qual não pode mais ser considerado como um critério fundamental.

Enquanto o limite entre consciente e inconsciente se apresenta "permeável", o limite entre o instintivo e o espiritual precisa ser estabelecido de maneira muito nítida. O autor Boss expressou essa relação de maneira bastante clara ao designar "instinto e espírito como fenômenos incomensuráveis". Como sabemos, porém, que a existência humana representa uma existência espiritual, torna-se agora evidente que a distinção entre consciente e inconsciente não constitui apenas um critério relativo, mas, na verdade, nenhum critério para referir-se à existência humana. Essa distinção não nos proporciona ne-

* N. da T.: Em alemão, *Bewusstheit*, que significa "conhecimento de sua própria atividade psíquica".

nhum critério por não constituir um critério de especificidade**. Esse critério de especificidade somente se torna possível a partir da decisão se algo no ser humano pertence à esfera espiritual ou instintiva, independentemente de ser consciente ou inconsciente. Com efeito, o verdadeiro ser humano, totalmente ao contrário da concepção psicanalítica, não é um ser impulsionado; trata-se muito mais, de acordo com Jaspers, de um "ser que decide", ou, no sentido de Heidegger e também de Binswanger, de um "estar aqui". No sentido analítico-existencial que nós lhe damos, constitui um "ser-responsável", portanto um ser existencial.

O ser humano pode assim ser "verdadeiramente ele próprio" também nos seus aspectos inconscientes. Por outro lado, ele é "verdadeiramente ele próprio" somente quando não é impulsionado, mas responsável. O ser humano propriamente dito começa onde deixa de ser impelido e cessa quando cessa de ser responsável. O ser humano propriamente dito manifesta-se onde não houver um id a impulsioná-lo, mas onde houver um eu que decide.

Podemos agora compreender como a psicanálise chegou a coisificar ou "id-ificar" e "des-egoficar" o ser humano.

Afirmamos anteriormente que a linha divisória entre o espiritual – como o mais especificamente humano – e o instintivo teria que ser traçada com a máxima nitidez possível; na verdade, vemos nesta linha como que um hiato ontológico que divide dois campos fundamentalmente distintos dentro da estrutura total dessa entidade chamada ser humano. Trata-se, de um lado, da existência e, de outro, de tudo aquilo que pertence à facticidade. Enquanto a existência, conforme sabemos, é algo essencialmente espiritual, a facticidade compõe-se tanto de elementos psicológicos quanto fisiológicos; contém "fatos" tanto psi-

** N. da T.: Em alemão, *Eigentlichkeit*, que significa "qualidade típica, qualidade de ser próprio, distinto de outro ser".

quicos quanto corporais. Enquanto os limites entre existência e facticidade, precisamente o hiato ontológico de que falamos, devem ser traçados com o máximo rigor, tal não ocorre dentro da facticidade psicofisiológica, onde o psíquico e o físico não podem ser separados tão facilmente. Quem, na qualidade de médico, já tentou esclarecer uma neurose vegetativa na diversidade de sua estrutura deve saber bem como é difícil separar o que nela é primariamente psicogênico ou somatogênico.

Com isso também ficou evidente que, além de ter relativizado a consciência ou inconsciência como critérios de especificidade, chegamos a uma segunda relativização: a antiga polêmica sobre o psicofísico, apesar de não ter sido resolvida totalmente, foi relegada a um segundo plano. Agora tornou-se um problema secundário diante de um problema muito mais fundamental, frente ao qual nos encontramos: o da "existência espiritual em comparação com a facticidade psicofísica". Esse constitui um problema não apenas de maior importância ontológica, mas também de especial relevância psicoterapêutica. Efetivamente, na psicoterapia trata-se de mobilizar, a todo momento, a existência espiritual no sentido de uma responsabilidade livre, contrapondo-a aos condicionamentos da facticidade psicofísica, que o paciente tende a aceitar como seu destino. E precisamente frente a essa facticidade deve ser despertada a consciência da liberdade, aquela liberdade e responsabilidade que constituem o ser humano propriamente dito.

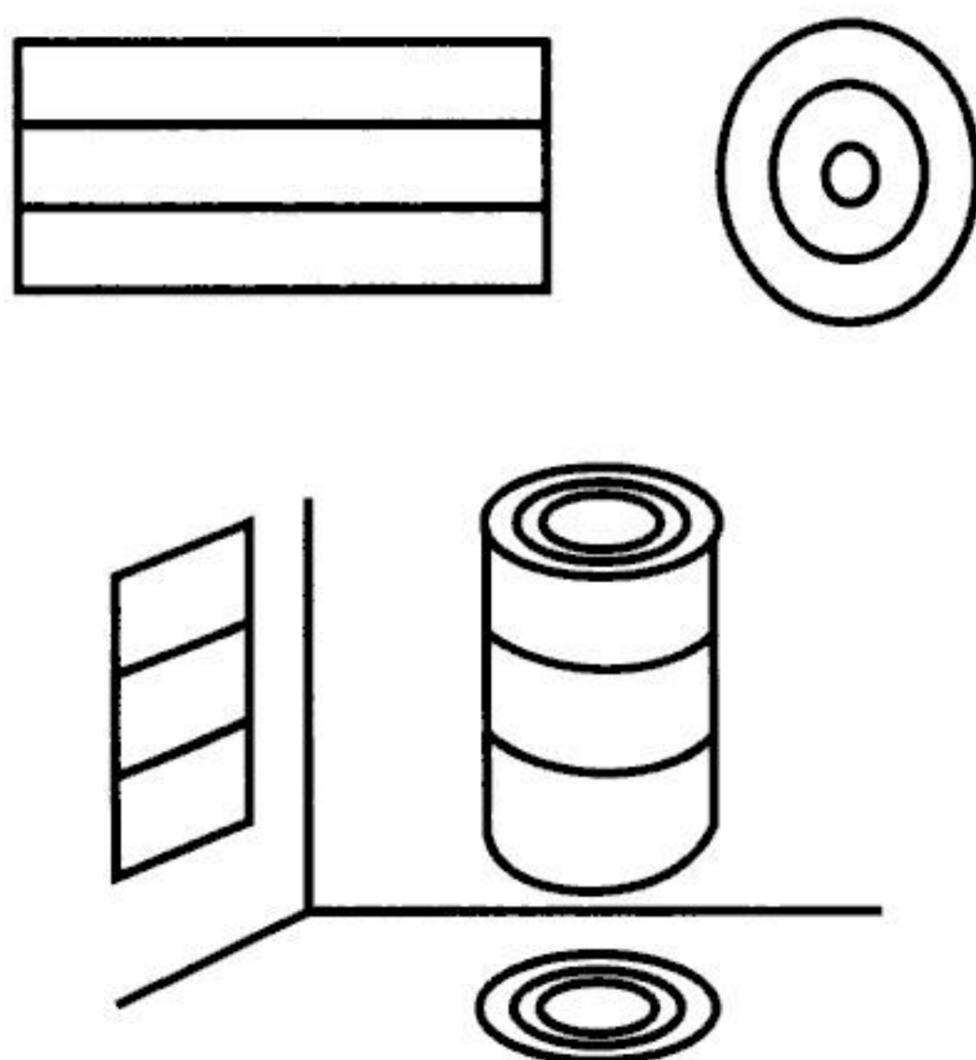
Em todos os nossos esforços para traçar os limites ontológicos, ainda não levamos em conta que o ser humano não é apenas um "ser que decide", mas também um "ser separado". Ser humano não significa outra coisa senão ser indivíduo. Como tal, porém, está sempre centrado, centrado em torno de um meio, em torno de seu próprio centro. O que, porém, se encontra nesse seu centro? O que preenche esse meio? Lembremo-nos daquela defini-

ção de Max Scheler sobre a pessoa: ele a entende como detentora, mas também como “centro”, de atos espirituais. Sendo, porém, a pessoa aquela da qual se originam os atos espirituais, ela também constitui o centro espiritual em torno do qual se agrupa o psicofísico. Após termos efetuado essa centralização do ser humano, podemos agora, ao invés de falar, como antes, da existência espiritual e da facticidade psicofísica, referir-nos à pessoa espiritual e “seu” psicofísico. Com isso, não queremos deixar de lado que, em nossa formulação, o “seu” significa que a pessoa “tem” um psicofísico, enquanto que ela “é” espiritual. Na realidade, falando seriamente, não poderia dizer “minha pessoa”, pois não “tenho” uma pessoa, esta minha pessoa “sou” eu. Também não poderia dizer “meu eu”, pois o “eu” realmente sou eu, mas não “tenho” um eu – quando muito, poderia “ter” um id, justamente no sentido da “minha” facticidade psicofísica.

Pelo fato de o ser humano estar centrado como indivíduo em uma pessoa determinada (como centro espiritual existencial), e somente por isso, o ser humano é também um ser integrado: somente a pessoa espiritual estabelece a unidade e totalidade do ente humano. Ela forma essa totalidade como sendo bio-psico-espiritual. Não será demais enfatizar que somente essa totalidade tripla torna o ser humano completo. Portanto não se justifica, como frequentemente ocorre, falar do ser humano como uma “totalidade corpo-mente”; corpo e mente podem constituir uma unidade, por exemplo, a “unidade” psicofísica, porém, essa unidade jamais seria capaz de representar a totalidade humana. A esta totalidade, ao ser humano total, pertence o espiritual, e lhe pertence como a sua característica mais específica. Enquanto somente se falar de corpo e mente, é evidente que não se pode estar falando da totalidade.

Assim, quanto à estrutura ontológica do ser humano, demos preferência a uma conformação estratificada

ao invés de escalonada, substituindo o escalonamento como que vertical (inconsciente – pré-consciente – consciente) por um modelo de estratos concêntricos. Agora podemos fazer algo mais. Podemos combinar a imagem estratificada com a escalonada, de maneira que a imagem estratificada constitua a projeção num plano, formando o plano básico para uma construção tridimensional. A seguir, precisamos simplesmente imaginar que o núcleo pessoal, aquele centro espiritual-existencial, ao redor do qual estão agrupados o psíquico e o físico em estratos periféricos, seja dotado de um prolongamento. Assim, ao invés de um núcleo pessoal, teremos um eixo pessoal, o qual, junto com os estratos psicofísicos circundantes, atravessa o consciente, o pré-consciente e o inconsciente. A partir dessa concepção, surge uma imagem relativamente útil e adequada da verdadeira realidade, a saber, que, tanto dentro do eixo pessoal, quanto nos estratos psicofísicos, qualquer manifestação, seja ela espiritual, psíquica ou física, pode ocorrer em qualquer um dos níveis: consciente, pré-consciente ou inconsciente.



Se, com relação à terapêutica psicanalítica, foi usado o termo "psicologia profunda", este conceito precisa agora ser retificado. Até o presente, a psicologia profunda seguiu o ser humano até as profundezas inconscientes de seus instintos, mas investigou muito pouco as profundezas do seu espírito, a pessoa na *sua* profundidade inconsciente. Em outras palavras, a psicologia profunda permaneceu, pelo menos em certo grau, como uma psicologia do id inconsciente, e não uma psicologia do eu inconsciente. Desta forma, o objeto de sua investigação era a *pretensa* pessoa profunda, no sentido da facticidade psicofísica. Porém, a pessoa *propriamente dita*, como centro da existência espiritual, foi negligenciada pela psicologia profunda. Mas, como agora sabemos, também, e sobretudo, essa pessoa espiritual-existencial e o eu (e não apenas o id) possuem uma profundidade inconsciente. Na verdade, ao usarmos o termo "pessoa profunda" só poderíamos estar nos referindo a esta pessoa espiritual-existencial, à *sua* profundidade inconsciente, já que somente ela é uma verdadeira pessoa profunda. Não podemos ter dúvidas de que aquilo que, no sentido tradicional, se entende por "pessoa profunda", nada tem a ver com um modo de ser pessoal; representa, de antemão, um "ser-criatura", ou seja, algo que não podemos atribuir à existência, mas à facticidade, que teríamos que incluir no psicofísico, não no espiritual. A expressão "pessoa profunda", na sua acepção normal, não se refere ao espiritual-existencial, ao ser humano propriamente dito, mas, por definição, a algo realmente vegetativo, ou, no melhor dos casos, a algo animalesco no ser humano, algo que faz parte dele.

Porém, conforme já indicamos, a verdadeira "pessoa profunda", ou seja, o espiritual-existencial em sua dimensão profunda, é sempre inconsciente. Isto significa que a "pessoa profunda" não é apenas facultativa, mas obrigatoriamente inconsciente. Isso decorre do fato de a execução espiritual dos atos e, conseqüentemente, a entidade pessoal como centro espiritual de tais atos constituírem uma

pura "realidade de execução". A pessoa fica tão absorvida ao executar seus atos espirituais que ela não é passível de reflexão na sua verdadeira essência, ou seja, de maneira alguma poderia aparecer na reflexão. Neste sentido, a existência espiritual, ou seja, o próprio eu, o eu "em si mesmo", é irreflexível e, assim, somente executável, "existente" somente em suas execuções, somente como "realidade de execução". A existência propriamente dita é, portanto, irreflexível, por não ser passível de reflexão e, assim, também não-analisável. Com efeito, quando usamos a expressão *análise* existencial, não queremos dizer *análise da existência*, mas, conforme já foi definido, "análise dirigida à existência". A existência propriamente dita continua sendo um fenômeno primário* não-analisável e irreduzível. Também cada um de seus aspectos elementares, como, por exemplo, quando nos referimos à consciência** e à responsabilidade, constitui um estado fenomenológico primário do mesmo tipo. Conforme veremos mais tarde, especialmente ao tratarmos do fenômeno da consciência moral***, tal fenômeno primário não tolera nenhuma redução ulterior, ou, dito de outra forma, dentro do plano ôntico esses fenômenos são irreduzíveis. Seu esclarecimento não pode ocorrer através de sua redução no ôntico, mas somente através da transcendência para o ontológico. Tanto a consciência** quanto a responsabilidade são e continuam sendo problemas insolúveis no plano da reflexão psicológica imanente. Porém, assim que as deslocarmos para uma dimensão ontológica, deixam imediatamente de ser problemas: nesta dimensão, a consciência e a responsabilidade são fenômenos primários, próprios do ser humano como "elementos existenciais", como os dois atributos básicos

* N. da T.: Em alemão, *Urphänomen*.

** N. da T.: Em alemão, *Bewusstsein* ou *Bewusstheit* significa "conhecimento do que se passa em nós".

*** N. da T.: Em alemão, *Gewissen* significa a "faculdade de estabelecer julgamentos morais dos atos realizados".

que pertencem ao ser existencial, como algo que nele sempre esteve contido.

Resumindo, podemos dizer que a pessoa profunda, a saber, a pessoa profunda espiritual, aquela e somente aquela que merece ser chamada assim, no verdadeiro sentido da palavra, é irreflexível por não ser passível de reflexão e, neste sentido, pode ser chamada também de inconsciente. Desta forma, enquanto a pessoa espiritual pode, basicamente, ser tanto consciente quanto inconsciente, podemos dizer que a pessoa profunda espiritual é obrigatoriamente inconsciente, não apenas facultativamente. Em outras palavras, na sua profundidade, "no fundo", o espiritual é necessário por ser essencialmente inconsciente.

Para ilustrar através de um modelo o que acabamos de dizer, poderíamos usar o funcionamento do olho. Da mesma forma que no local de origem da retina, ou seja, no ponto de entrada do nervo ótico, a retina tem seu "ponto cego", assim também o espírito, precisamente na sua origem, é cego a toda auto-observação e auto-reflexão; quando é totalmente primordial, completamente "ele mesmo", é inconsciente de si mesmo. Ao espírito poderíamos aplicar o que se lê nos antigos vedas indianos: "Aquilo que vê não pode ser visto; aquilo que ouve não pode ser ouvido; e o que pensa não pode ser pensado".

Não é só na origem, na primeira instância, contudo, que o espiritual é inconsciente, mas também na última, "na última instância". O espírito é inconsciente não apenas na sua profundidade, mas também em sua altura: a instância suprema, aquela que deve decidir entre consciência e inconsciência, é, ela própria, inconsciente. A esse respeito, basta lembrar que, durante o sono, existe um estado de alerta, uma instância que controla se a pessoa que dorme, que sonha, deve ser acordada ou pode continuar dormindo. Essa instância faz com que a mãe acorde imediatamente com a menor alteração da respiração do filho, enquanto que ignora totalmente ruídos muito mais fortes

vindos da rua. Essa instância de alerta também se manifesta na hipnose: a pessoa submetida a ela acorda se algo estiver acontecendo ao redor dela ou com ela e que, no fundo, ela mesma não quer. Somente em estado de narcose, a partir de um certo grau, essa instância é silenciada e acaba adormecendo. Fora disso, podemos sempre afirmar que essa instância, que regula o adormecer e o despertar, nunca dorme, está sempre acordada no sentido de permanecer vigilante, de guarda. Com efeito, como “instância de alerta” durante o sono, algo no ser humano vela sobre ele, como se esse algo estivesse acordado, tendo, porém, apenas uma consciência parcial. Somente de maneira vaga essa instância tem noção do que está acontecendo ao redor da pessoa que dorme, não se tratando, portanto, de uma verdadeira consciência. Aquela instância que decide se algo deve se tornar consciente ou permanecer inconsciente funciona, ela própria, inconscientemente. Porém, a fim de poder decidir, ela deve ser capaz, de alguma forma, de discernir. E ambas as ações, decidir e discernir, são próprias de algo espiritual. Assim, novamente verificamos que o espiritual não somente pode ser inconsciente, em diferentes graus, mas necessariamente deve ser inconsciente, tanto na sua instância última quanto na sua origem.

Nota

- 1 Cf. FRANKL, Viktor. *Philosophie und Psychotherapie; zur Grundlegung einer Existenzanalyse*. *Schweizerische medizinische Wochenschrift*, n. 69, p. 707, 1938.

3. Análise existencial da consciência moral

A fim de explicar melhor aquilo que designamos de "inconsciente espiritual", em oposição ao inconsciente instintivo, vamos usar agora, como um modelo, o fenômeno da "consciência"*. Com efeito, a consciência pertence incondicionalmente ao ser humano como "ser que decide", conforme foi afirmado anteriormente sobre o ser-responsável, como fenômeno primário. Todas as conclusões a que já chegamos de forma dedutiva deveriam ser demonstráveis aqui, no fenômeno da consciência, através de um processo indutivo, ou melhor, fenomenológico. Na verdade, também aquilo que chamamos de consciência se estende até uma profundidade inconsciente, isto é, tem suas origens num fundo inconsciente: justamente as grandes e autênticas (existencialmente autênticas) decisões na existência humana ocorrem sempre de maneira irrefletida e, portanto, inconsciente. Na sua origem, a consciência está imersa no inconsciente.

Neste sentido, a consciência também precisa ser considerada irracional; é alógica ou, melhor ainda, pré-lógica. Da mesma forma que existe uma compreensão pré-científica do ser e, ontologicamente anterior a ela, uma *compreensão pré-lógica do ser*, existe também uma *compreensão pré-moral dos valores*, muito anterior a qualquer moral explícita; trata-se justamente da consciência.

A consciência é irracional porque, pelo menos em sua realidade de execução imediata, nunca é completa-

* N. da T.: Em alemão, *Gewissen* significa "consciência" no sentido de uma faculdade de estabelecer julgamentos morais dos atos realizados.

mente racionalizável: torna-se acessível apenas posteriormente a uma “racionalização secundária”. Da mesma forma, todo o assim chamado “exame de consciência” só é concebível a *posteriori*; além disso, a deliberação da consciência é, em última análise, inescrutável.

Se nos perguntarmos agora por que a consciência necessariamente atua de maneira irracional, precisamos refletir sobre o seguinte fato: à consciência (*Bewusstsein*) torna-se acessível um ser que é (*Seiendes*); à consciência moral (*Gewissen*), ao contrário, não um ser que é, mas um ser que ainda não é, ou seja, um ser que deveria ser (*Sein-sollendes*). Esse ser que deveria ser não é, portanto, real, mas algo que ainda precisa tornar-se real; não é real, mas meramente possível (embora, num sentido mais elevado, essa simples possibilidade represente novamente uma necessidade). Considerando, então, que aquilo que a consciência moral nos revela constitui algo ainda a se tornar real, que terá que ser realizado, levanta-se imediatamente a questão de que forma poderia ser realizado se não for, de alguma maneira, antecipado espiritualmente. E esse antecipar-se, essa antecipação espiritual, dá-se através do que se chama de intuição; essa antecipação espiritual ocorre num ato de “visão”.

Assim, a consciência moral revela-se como uma função essencialmente intuitiva. A fim de antecipar aquilo que terá que realizar, a consciência deverá primeiramente intuí-lo; neste sentido, portanto, a consciência ética (o *Ethos*) é, de fato, irracional e apenas posteriormente racionalizável. Por acaso, não conhecemos um fenômeno análogo? Não seria o *Eros* igualmente irracional e intuitivo? Na verdade, o amor também intui; também ele percebe um ser que ainda não é. Porém, diferentemente da consciência, o amor não percebe um “ser que deveria ser”; o ser que ainda não é e deverá sê-lo através do amor é apenas um “ser que poderia ser”. Assim, o amor descobre e traz à tona possíveis valores na pessoa amada. Também o amor antecipa

algo através de sua visão espiritual, justamente aquelas possibilidades pessoais ainda não realizadas que a pessoa concreta, ou seja, a pessoa amada, contém em si.

A consciência moral e o amor, porém, não só se assemelham pelo fato de ambos lidarem com meras possibilidades e não realidades. Não é unicamente tal fato que torna evidente que ambos podem atuar somente de maneira intuitiva. Pode ser apontada uma segunda razão para seu modo de agir necessariamente irracional (por ser essencialmente intuitivo) e, em consequência, nunca completamente racionalizável: ambos, tanto a consciência quanto o amor, estão ligados a um ser absolutamente individual.

É justamente tarefa da consciência revelar ao ser humano "aquele único necessário", o que é sempre algo exclusivo. Trata-se daquela possibilidade única e exclusiva de uma pessoa concreta numa situação concreta, possibilidade à qual Max Scheler quis se referir com o conceito de "valores de situação". Refere-se, portanto, a algo absolutamente individual, a um "deveria ser" individual, que não pode ser abarcado por nenhuma lei geral, por nenhuma "lei moral" formulada em termos universais (por exemplo, no sentido do imperativo kantiano), mas prescrito precisamente por uma "lei individual" (Georg Simmel). Não pode nunca ser conhecido racionalmente, mas compreendido apenas intuitivamente. E essa função intuitiva é realizada pela consciência moral.

Uma vez que a consciência revela intuitivamente tais possibilidades concretas e individuais de valores, poderíamos ser tentados a considerar como instintiva a maneira pela qual a consciência opera e, conseqüentemente, a referir-nos à consciência como a um instinto ético, em contraposição à "razão prática". Num exame mais detalhado, porém, verifica-se logo que esse instinto ético se opõe consideravelmente àquilo que normalmente é denominado de instinto, ou seja, de instinto vital. O instinto dos animais dirige-se ao genérico, só funciona "em geral"; é basicamente esquemá-

tico. Com efeito, de acordo com os instintos de sua espécie, os animais reagem a certos sinais de seu respectivo meio ambiente segundo um esquema rígido, fixo para sempre para todos os indivíduos. A eficácia desse esquema instintivo depende de sua generalidade, ou seja, é um esquema que segue a lei do maior número: nos casos individuais não somente fracassa, mas, sob determinadas circunstâncias, pode levar o indivíduo a agir instintivamente, mas, bem por isso, de forma "imprudente" e claramente contraproducente. Assim, por exemplo, o mesmo esquema de reação instintiva que pode preservar ou salvar a vida da maioria das formigas, ou seja, de todo o formigueiro, pode eventualmente levar uma formiga isolada à destruição. Isso é aceito como inevitável e inerente ao instinto: o instinto vital coloca a individualidade em segundo plano.

De forma totalmente diversa, e até aposta, a eficácia do instinto ético é garantida justamente por seu alvo não ser algo geral, mas sempre algo individual; dirige-se, conforme já dissemos, ao concreto. E, enquanto o animal, às vezes, pode ser enganado pelo seu próprio instinto vital, o ser humano, às vezes, também pode ser levado ao erro pela sua razão ética, enquanto somente o instinto ético, precisamente a consciência moral, o capacita a perceber "aquele único necessário" e que, precisamente, não é algo genérico. Somente a consciência é capaz de sintonizar a lei "eterna", a "lei moral", com a respectiva situação concreta de uma pessoa concreta. Assim, uma vida a partir da consciência é sempre uma vida absolutamente pessoal dirigida a uma situação absolutamente concreta, àquilo que possa importar em nossa existência única e individual: a consciência considera sempre o "aqui" ("Da") concreto do meu "ser" ("*Sein*") pessoal*.

* N. da T.: Em alemão *Dasein* significa "existência".



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

ritual. Também um terceiro aspecto, o estético, num certo sentido, tem aí suas origens. No inconsciente espiritual existe, junto ao inconsciente ético, à consciência ética, aquilo que poderíamos chamar de inconsciente estético, ou seja, a consciência artística. Neste sentido, o artista também depende de uma espiritualidade inconsciente quanto à produção¹ e também quanto à reprodução artística. À intuição da consciência, em si irracional e, portanto, também não totalmente racionalizável, corresponde, no artista, a inspiração, a qual está igualmente enraizada numa esfera de espiritualidade inconsciente. A partir dela, o artista realiza suas criações e, com isso, as fontes das quais ele se alimenta estão e continuam imersas numa escuridão que jamais poderá ser totalmente iluminada pela luz da consciência. Frequentemente até se observa que a consciência (*Bewusstheit*), pelo menos quando excessiva, é capaz de interferir em tal produção "a partir do inconsciente". Não raro, a auto-observação forçada, a vontade de "fazer" conscientemente aquilo que deveria se realizar por si numa profundidade inconsciente, torna-se um obstáculo para o artista criador. Qualquer reflexão desnecessária pode prejudicar a obra do artista.

Conhecemos o caso de um violinista que sempre tentava tocar da forma mais consciente possível; queria "fazer" tudo conscientemente, desde o posicionamento do violino até o mais insignificante detalhe técnico de sua execução; fazia tudo com auto-reflexão. Tal procedimento só podia levá-lo a um fracasso artístico total. A terapia a que foi submetido teve que eliminar primeiramente essa tendência para a reflexão excessiva, ou hiper-reflexão, e a autocontemplação constante; teve que lançar mão daquela técnica que, num outro contexto, acabamos por denominar de derreflexão². O tratamento psicoterápico precisou devolver a esse paciente sua *confiança no inconsciente*, instruindo-o de que deveria constantemente se convencer de que seu inconsciente era "mais musical" do que seu consciente. Realmente, a terapia

assim direcionada levou, de certo modo, a um desbloqueio das "forças criadoras" e artísticas do inconsciente, precisamente por libertar o processo essencialmente inconsciente de (re)produção da influência inibidora de um excesso de consciência (*Bewusstheit*).

O caso que acabamos de discutir mostra ainda um aspecto essencial ao estabelecermos qualquer objetivo psicoterapêutico: atualmente não é mais viável insistir no ponto de vista de que na psicoterapia devemos, a qualquer custo, trazer tudo à consciência. Apenas temporariamente o psicoterapeuta precisa tornar algo consciente. Ele deve tornar consciente algo inconsciente (e, assim, também algo espiritualmente inconsciente), para, finalmente, fazê-lo voltar a ser inconsciente. Sua tarefa é transformar uma *potentia* (potencialidade) inconsciente num *actus* (ato) consciente, com o único objetivo, porém, de reconstituir novamente um *habitus* (hábito, característica) inconsciente. Por fim, o psicoterapeuta deve restabelecer a espontaneidade dos processos inconscientes.

Pelo que acabamos de expor, seria válido concluir que toda produção ou reprodução artística (ou talvez, também todas as realizações éticas e eróticas, além das estéticas) deveria ser atribuída àquilo que chamamos de sentimento? Quanto a esse aspecto, acreditamos que todo cuidado seja pouco, pois atualmente o conceito de sentimento tornou-se muito inexato. Com respeito a essa palavra, especialmente, nunca se sabe com exatidão se (de acordo com a importante diferenciação de Scheler) estamos nos referindo a um sentimento situacional (*zuständliches Gefühl*), a um simples estado afetivo (*Gefühlszustand*), ou então a um sentimento intencional (*intentionales Gefühl*). Enquanto os sentimentos intencionais poderiam muito bem ser atribuídos ao inconsciente espiritual, os meros estados afetivos têm tão pouco a ver com o ser humano espiritual-existencial, ou seja, com o ser humano verdadeiro, quanto quaisquer estados instintivos.

Queremos salientar expressamente que nossa crítica quanto a uma certa inexatidão se refere apenas à palavra "sentimento", e não ao sentimento em si. O sentimento propriamente dito, pelo menos quando, no sentido de Scheler, pode ser qualificado como intencional, não é nada inexato, já que a *sensibilidade do sentimento é muito maior do que a perspicácia da razão*.

A dificuldade de, mesmo a *posteriori*, investigar as bases inconscientes do processo essencial, e necessariamente inescrutável, de formação de realizações espirituais se demonstra por um outro fato aparentemente trivial. Trata-se do chiste, das piadas, que sempre, e em todos os lugares, foram e continuam sendo feitas, e das quais todos riem e continuam rindo, embora ainda hoje falte uma explicação científica completa do fenômeno "piada" e do fenômeno "riso". Verificamos, assim, que a execução de atos depende muito pouco de um conhecimento reflexivo ou de uma compreensão racional dos mesmos.

Voltando aos paralelismos já discutidos, podemos, por conseguinte, concluir: quando o eu (espiritual) penetra numa esfera inconsciente, como sendo sua base, podemos falar, respectivamente, de consciência (*Gewissen*), amor ou arte. Por outro lado, quando o id (psicofísico) irrompe na consciência (*Bewusstsein*), falamos de neurose ou de psicose, dependendo daquilo que caracteriza tal patogenia: uma psicogênese (como na neurose) ou uma somatogênese (como na psicose).

Notas

- 1 Cf. o anexo "Psychotherapie, Kunst und Religion" (Psicoterapia, arte e religião) no meu livro *Die Psychotherapie in der Praxis; eine kasuistische Einführung für Ärzte*. 5. ed. München, 1986.
- 2 Cf. meu livro *Theorie und Therapie der Neurosen; Einführung in Logotherapie und Existenzanalyse*. 1. ed. München, 1956; 6. ed. 1987.

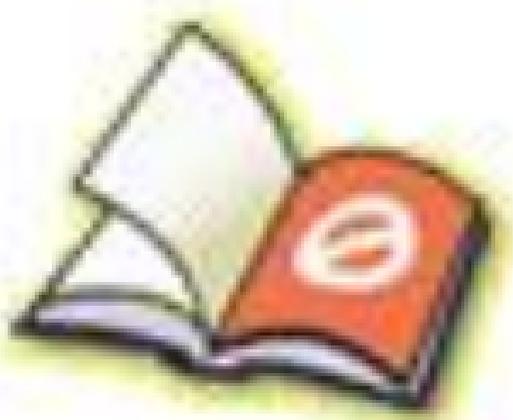


You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

Uma paciente sonha que, juntamente com a roupa suja, foi enviado para a lavanderia um gato sujo, o qual foi devolvido morto no meio da roupa lavada. A doente fez as seguintes associações: quanto ao gato, lembrou que ama os gatos "acima de tudo", porém, ama também "acima de tudo" sua filha, a única que tem. Neste contexto, "gato" significa então "filha". Mas por que o gato estaria "sujo"? Isso foi esclarecido quando a paciente relatou que ultimamente houve muitos mexericos na vizinhança sobre a vida amorosa de sua filha e, neste sentido, realmente foi "lavada roupa suja". Esse também era o motivo pelo qual a paciente, conforme ela mesma admitiu, constantemente ficava espionando e espezinhando a filha. O que significaria então o sonho como um todo? Constitui uma advertência para que a enferma não atormentasse a filha com exagerada insistência quanto à sua "pureza" (!) moral, o que poderia acabar destruindo a filha. O sonho expressa, assim, a voz de advertência da própria consciência.

Não vemos razão alguma para desistir de uma possibilidade tão simples de interpretar o sonho em todos os seus elementos distintos, só por causa da opinião preconcebida de que, por trás de qualquer sonho, é preciso necessariamente haver também conteúdos de sexualidade infantil. Ao sermos confrontados com os fatos empíricos do inconsciente espiritual, continuaremos querendo que nos guie a grande virtude da psicanálise, que é a objetividade. Porém, exigimos essa objetividade não só do lado do analisando, mas também por parte do analista. Exigimos não só do objeto a ser investigado uma sinceridade incondicional (por exemplo, no que se refere às suas produções mentais), como também do sujeito investigador uma imparcialidade incondicional, a qual impedirá que feche os olhos diante de fatos da espiritualidade inconsciente. Veremos agora mais um sonho de um outro paciente:

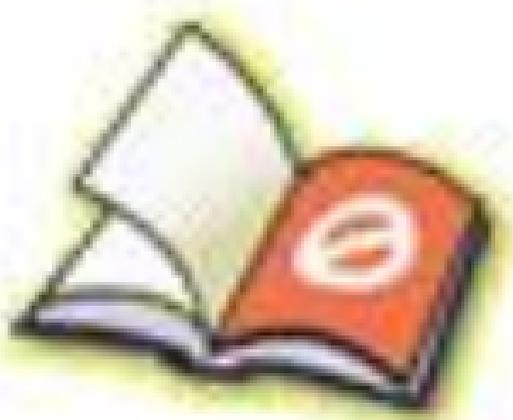
O enfermo relata um sonho que se repete constantemente a intervalos relativamente curtos, aparecendo até



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

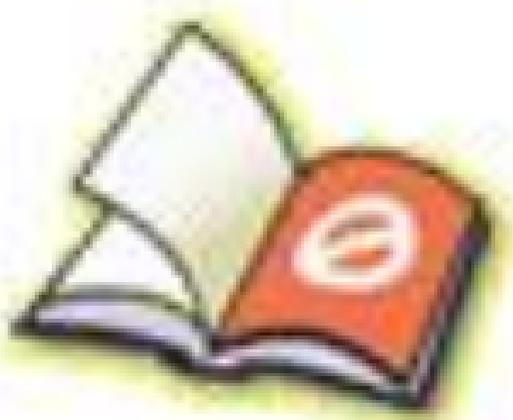
Deus, de algum modo, passa pelo médico; mas, sem dúvida, na volta do médico novamente passo pela igreja de Alser. Meu caminho para a terapia é, assim, um desvio que leva à igreja.” O sonho continua da seguinte maneira: “A igreja parece abandonada”. Interpretação: a igreja está abandonada significa que a paciente abandonou a igreja; de fato, ela havia deixado de ir à igreja. “A igreja está completamente destruída por bombardeios, o teto desabou, somente o altar está intato.” Interpretação: as comoções (internas) causadas pela guerra não apenas abalaram-na psicologicamente, como também libertaram sua visão para o aspecto central (o altar!) da religião. “Do interior vê-se o céu azul, o ar circula livremente.” Interpretação: as comoções internas libertaram sua visão, abrindo-a para o sobrenatural. “Porém, acima de mim estão ainda restos do telhado, vigas que ameaçam ruir – e disso tenho medo.” Interpretação: a paciente tem medo de uma recaída, de ser “soterrada” de novo. “E fujo para o exterior, um pouco desapontada.” Interpretação: de fato, ultimamente tem tido pequenas decepções quanto à afirmação de sua fé religiosa e também quanto a aspectos eclesialístico-institucionais; a adesão total à sua igreja foi dificultada por impressões ocasionais de uma suposta mesquizez e falta de generosidade por parte de alguns sacerdotes e teólogos.

Não nos causará mais surpresa que, na sua problemática religiosa, o aspecto institucional-eclesialístico incomodasse a paciente se soubermos que ela apresentava tendências claramente extático-místicas. Assim, será interessante investigar ainda esse lado de sua problemática religiosa através dos sonhos e verificar até que ponto esse lado da espiritualidade inconsciente de nossa paciente se manifestava em seus sonhos. O sonho seguinte da enferma serve de confirmação ao que foi dito.

“Estou no Stephansplatz (Praça de Santo Estêvão, em Viena).” Interpretação: o centro da Viena católica. –



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

se dispõem a falar de sua vida sexual, até dos detalhes mais íntimos, mesmo perversos, mostram “inibições” quando se toca na sua experiência religiosa íntima. Assim, durante uma dessas sessões diante do microfone, num cômodo atrás da sala de aula, questionou-se uma paciente sobre seus sonhos, totalmente de improviso. A essa pergunta, que a surpreendeu, reproduziu o seguinte sonho:

“Estou no meio de uma grande multidão, parece uma feira; todos se movimentam numa mesma direção, enquanto eu tento avançar na direção contrária.” Interpretação: no turbilhão da “feira”, que é o mundo, a grande massa está unanimemente orientada para uma única direção, está justamente “massificada”; porém, a paciente, por assim dizer, está nadando contra a corrente. – “De alguma forma, conheço a direção na qual devo seguir, pois no céu há uma luz que sigo. Essa luz torna-se agora cada vez mais intensa, até finalmente condensar-se numa figura.” Interpretação: inicialmente, a doente conhecia a direção apenas de forma aproximada, depois passa a conhecê-la com mais precisão. – Perguntamos então que espécie de figura era aquela. Neste momento, porém, a doente ficou embaraçada e, após alguns momentos de hesitação, perguntou com olhar suplicante: “Preciso mesmo falar disso?” Somente depois de muito insistir é que ela revelou seu segredo: “A figura era de Cristo”. No sonho, sua consciência lhe exigia que seguisse Cristo, que percorresse seu caminho como cristã.

Nesse sonho não podemos mais falar de uma problemática religiosa propriamente dita, pois para esta paciente não havia dúvidas sobre a religião e seu caminho religioso. Nos sonhos anteriormente citados, de outros enfermos, ao contrário, aparece uma evidente problemática religiosa; esta se apresentava a nós de maneira ora mais, ora menos velada, conforme o grau em que a religiosidade do sonhador era manifesta ou latente, ou seja, dependendo do grau em que a religiosidade das respecti-



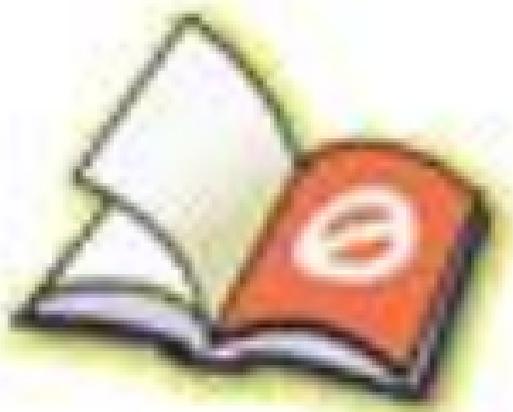
You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



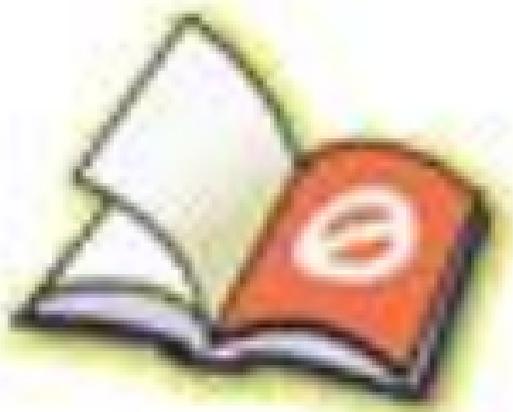
You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



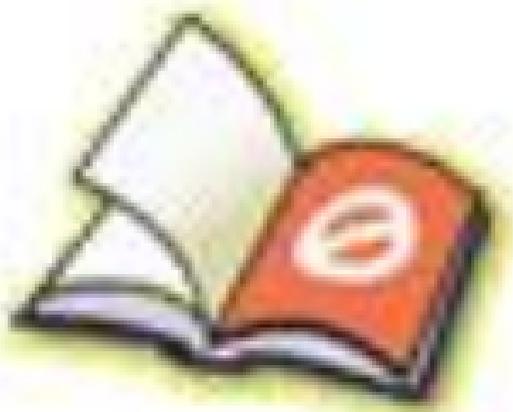
You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



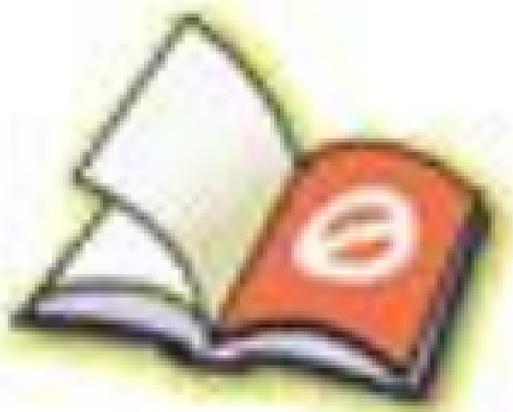
You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



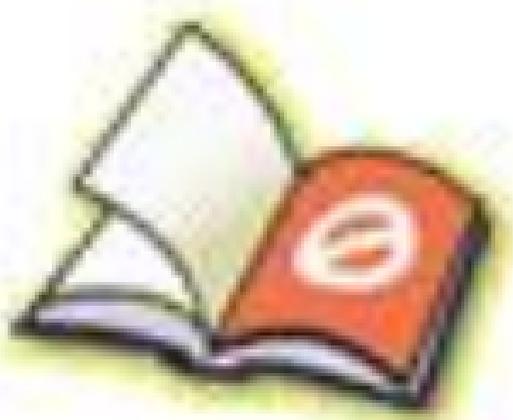
You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



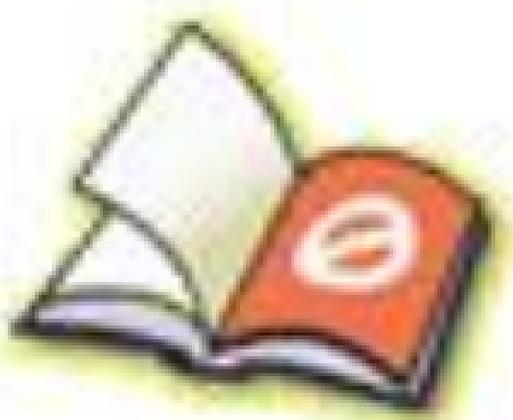
You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



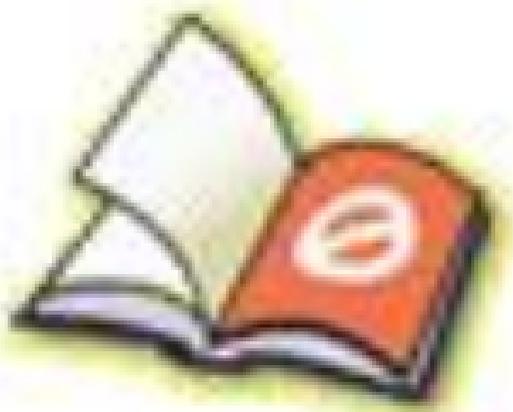
You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



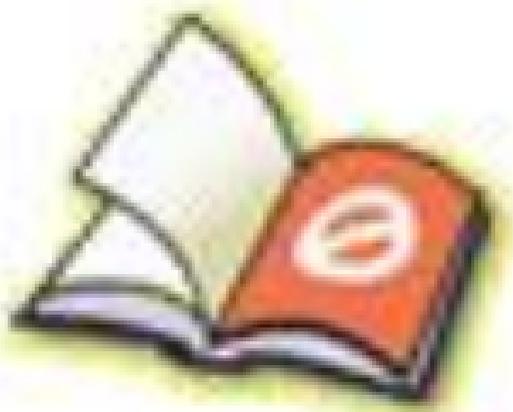
You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



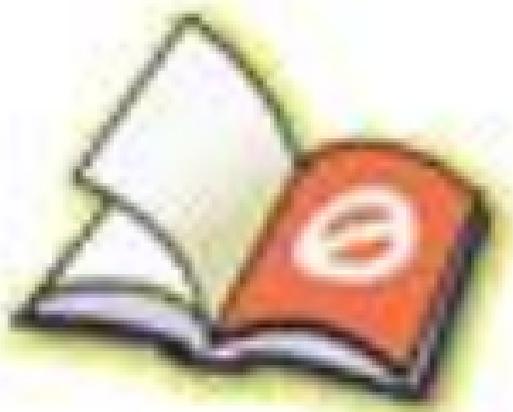
You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



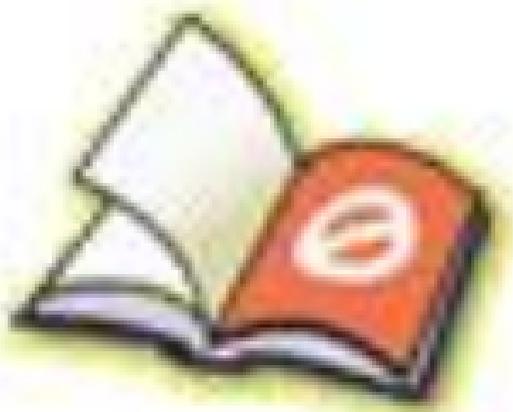
You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



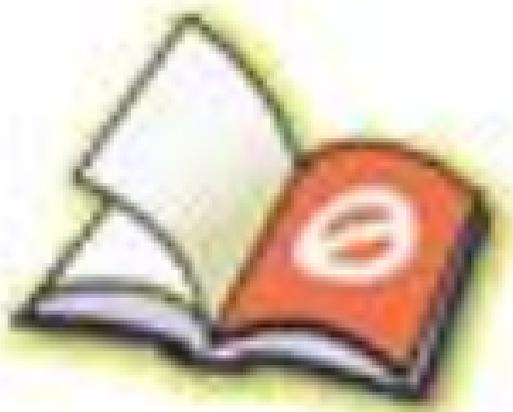
You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



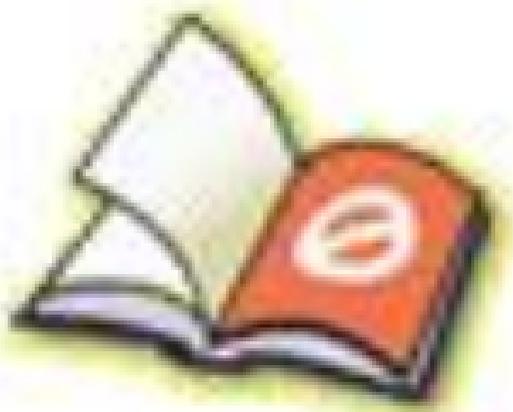
You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



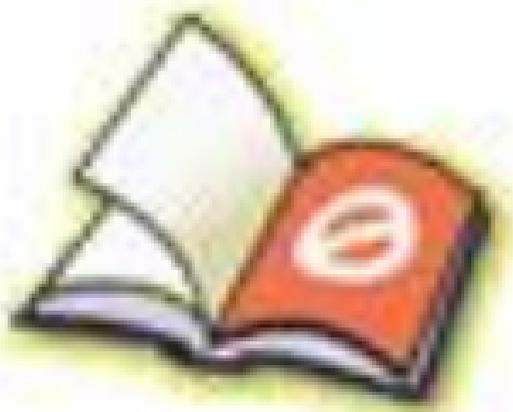
You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



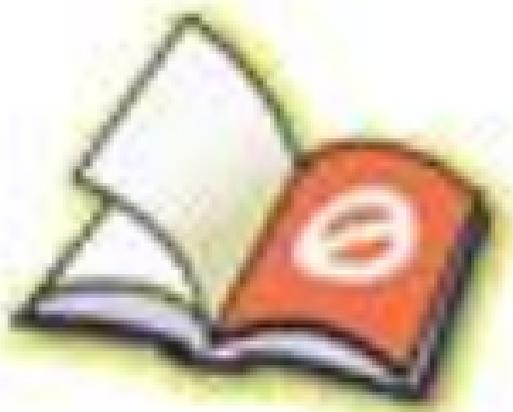
You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



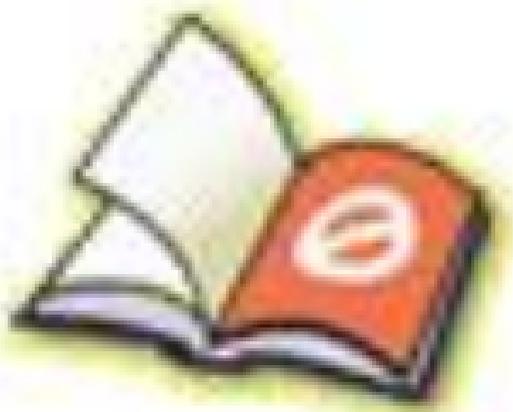
You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



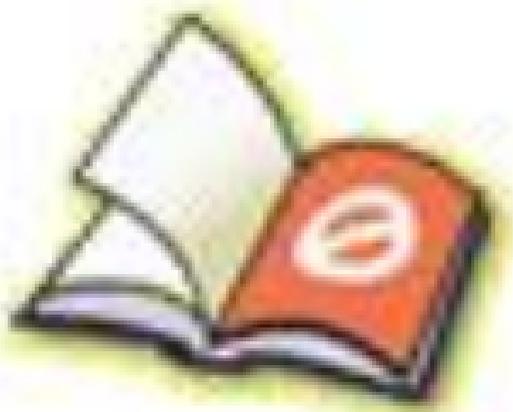
You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



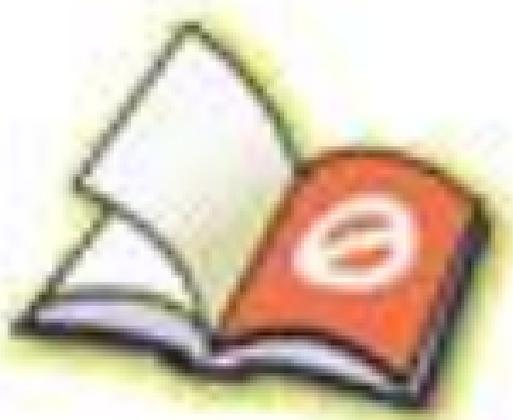
You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

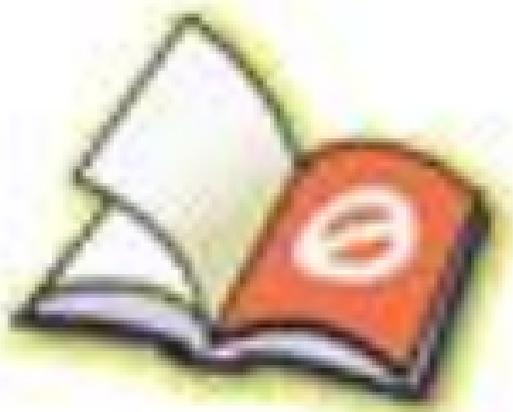


You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

ção de falta de sentido leve necessariamente a uma neurose. Em outras palavras, nem toda neurose é "noogênica"¹⁰, isto é, causada por um vazio existencial, nem o vazio existencial é sempre patogênico ou, muito menos ainda, patológico. Prefiro considerar como uma prerrogativa da pessoa não apenas questionar qual o sentido de sua vida, como também duvidar da própria existência deste sentido. Ou será que alguma vez um animal perguntou pelo sentido de sua vidas? Acredito que nem mesmo os gansos cinzentos de Konrad Lorenz chegaram a fazê-lo.

Podemos entender melhor o vazio existencial não no sentido de uma neurose noogênica ou psicogênica, mas como uma neurose sociogênica. Sem dúvida, a sociedade industrializada está sempre visando satisfazer todas as necessidades humanas possíveis, e seu fenômeno concomitante, a sociedade de consumo, visa até mesmo criar necessidades que possam depois ser por ela satisfeitas. Apenas a necessidade mais humana de todas, a necessidade de sentido, é frustrada pela sociedade. A industrialização faz-se acompanhar da urbanização, desarraigando as pessoas, alienando-as de suas tradições e dos valores por elas transmitidos. Nestas condições, é compreensível que especialmente a geração jovem padece mais da sensação de falta de sentido, o que é corroborado pelos resultados de pesquisa empíricos. A esse respeito gostaria de mencionar a síndrome da neurose de massa constituída pela tríade "dependência (de drogas etc.), agressão e depressão", que comprovadamente tem como causa a sensação de falta de sentido. Para citar apenas uma fonte: Stanley Krippner pôde comprovar que, para cem por cento dos jovens toxicômanos de seu estudo, nada parecia ter sentido.

Chegou o momento de nos perguntarmos o que devemos entender por "sentido". Na logoterapia, o sentido não significa algo abstrato; ao contrário, é um sentido totalmente concreto, o sentido concreto de uma situação com a qual uma pessoa também concreta se vê confrontada.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

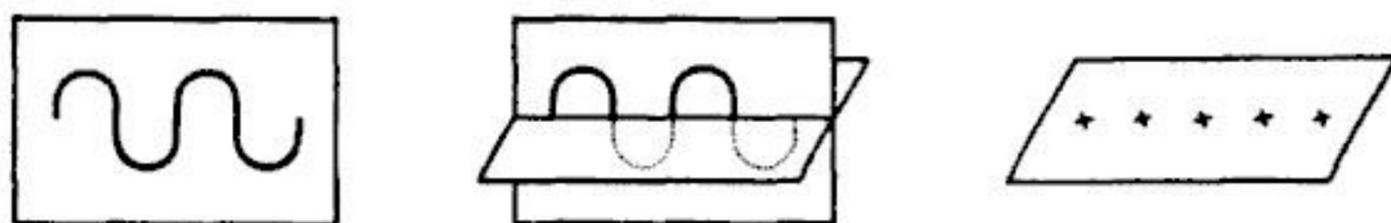


You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

Suponhamos que uma curva se localize num plano vertical e que este seja cortado por um plano horizontal.



No plano de interseção, a curva projeta apenas os pontos de interseção: são cinco pontos isolados, aparentemente desconexos. Apenas na aparência não há conexão entre eles. Na realidade, a curva estabelece sua interligação. As conexões, porém, não estão dentro, mas fora do plano horizontal, estão acima ou abaixo dele.

Tentando transferir o que aprendemos através dessa analogia para outros eventos que também carecem de uma conexão “que faça sentido”, como as mutações aparentemente sem sentido, passamos a compreender por que elas, assim como também toda evolução, obrigatoriamente se projetam no plano de corte da ciência natural como meros acasos, enquanto o sentido “mais elevado” ou “mais profundo” só pode se manifestar num outro plano, à semelhança da curva situada respectivamente acima ou abaixo do plano horizontal. Gostaríamos de ressaltar, assim, que nem tudo pode ser compreendido quanto às conexões lógicas de forma teleológica (ou final), mas apenas explicado de forma causal. Porém, pelo menos, podemos compreender por que algo é e deve ser de determinado modo, por que algo é e aparentemente deve ser desprovido de sentido e por que, apesar de tudo, é válido acreditar num sentido encoberto, que está acima de tudo, situado num outro plano, para dentro do qual devemos segui-lo¹⁶.

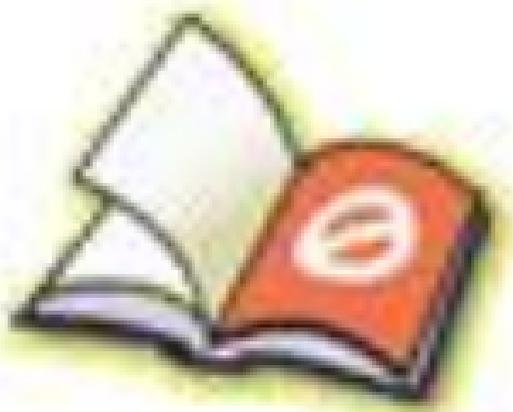
Neste ponto, o conhecimento não tem mais utilidade e surge a fé: o que é *in-compreensível* (“*un-wiss-bar*”), não precisa ser *in-acreditável* (“*un-glaub-lich*”). De fato, é impossível descobrir apenas pelo intelecto se, em última



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

bém muitos idiomas que, apesar de suas diferenças, possuem um alfabeto em comum?

Precisamos admitir que nossa concepção de religião, no sentido mais amplo da palavra, tem muito pouco a ver com mesquinhez confessional e sua conseqüência, a miopia religiosa, as quais aparentemente vêem em Deus um Ser cujo único objetivo é conseguir que o maior número possível de pessoas acredite nele, exatamente dentro das prescrições de determinada seita. "Basta acreditar", dizem elas, "e tudo dará certo". Porém, não posso imaginar que faça sentido uma igreja *exigir* de mim que eu tenha fé. Não posso *querer* ter fé, da mesma forma que não posso me obrigar a amar, ou a ter esperança contra a minha própria convicção. Afinal, há coisas que não adianta querer, que não podem se realizar sob pedido ou comando. Vejamos um simples exemplo: não posso rir sob comando. Se alguém quiser que eu ria, é preciso que me conte uma piada. Algo análogo ocorre com o amor e a fé; eles não podem ser manipulados. Somente quando surge um conteúdo e um objeto adequados, manifestam-se como fenômenos intencionais que de fato são²⁴. Se quisermos fazer com que alguém acredite em Deus, é preciso torná-lo "crível" (*believable*) e, sobretudo, é necessário que nós próprios sejamos "dignos de crédito" (*credible*). Em outras palavras, é preciso agir exatamente ao contrário daquilo que é feito por aquelas seitas que aparentemente nada fazem a não ser combater-se reciprocamente e tentar recrutar adeptos no campo de seus oponentes.

Anteriormente falamos de uma religiosidade a partir da qual cada um de nós pode encontrar sua linguagem pessoal ao se dirigir a Deus. Na realidade, a relação eu-tu, na qual Martin Buber vê a essência da existência espiritual, culmina na prece, especialmente na sua estrutura dialógica. Porém, precisamos levar em consideração que não existe apenas uma fala interpessoal, mas também intrapessoal, ou seja, o diálogo interno, o diálogo dentro de nós. Neste



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



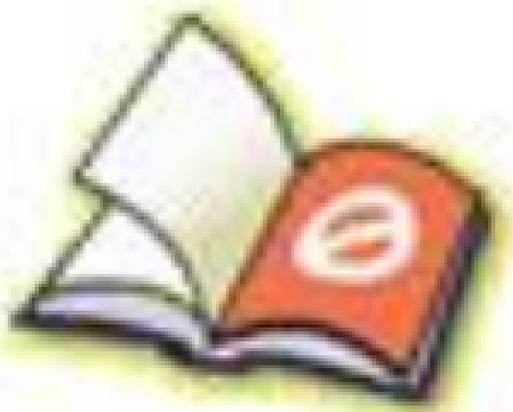
You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

compreensão, enfim, um 'supra-sentido'." *A fé não é uma maneira de pensar da qual se subtraiu a realidade, mas uma maneira de pensar à qual se acrescentou a existencialidade do pensador.*

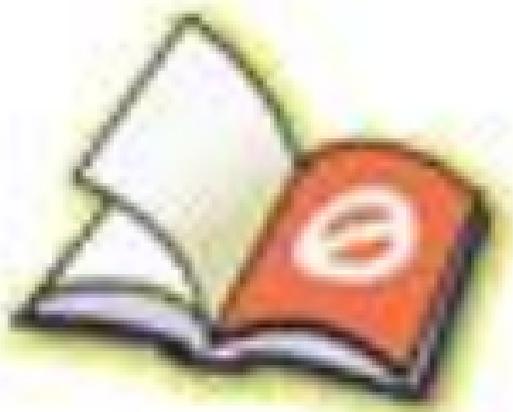
Essa maneira de pensar depende sempre de símbolos, e cada uma das várias religiões ou seitas constitui um *sistema de símbolos*. Neste ponto assemelham-se aos vários idiomas. Num certo sentido até são idiomas. Porém, precisamos levar em consideração que não existe apenas uma linguagem interpessoal, mas também intrapessoal, que é o diálogo consigo próprio, o solilóquio. Neste contexto, ultimamente retomei várias vezes uma definição de Deus que elaborei aos quinze anos. É, por assim dizer, uma definição operacional do seguinte teor: *Deus é o parceiro de nossos mais íntimos diálogos conosco mesmos*. Sempre que estivermos dialogando conosco na derradeira solidão e honestidade, é legítimo denominar o parceiro desses solilóquios de Deus, independentemente de nos considerarmos ateístas ou crentes em Deus. Essa diferenciação torna-se irrelevante dentro dessa definição operacional. Nossa definição é anterior à bifurcação entre uma cosmovisão teísta ou ateísta. A diferença somente se manifesta quando um lado insiste em considerar as conversas consigo próprio como nada mais do que simples solilóquios, enquanto que o outro lado acredita que, consciente ou inconscientemente, a pessoa tem um "diá"-logo com alguém distinto de seu próprio eu. Mas será que realmente é tão importante saber se a "solidão última" é apenas uma solidão aparente ou não? A única coisa que importa não seria o fato de ela resultar na "honestidade última"? Se Deus realmente existe, estou convicto de que ele não levaria a mal se alguém o confundisse com o próprio eu.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

- _____. *Tu vida tiene sentido: logoterapia y salud mental*. Madrid: Ediciones S. M., 1983.
- _____. *Mentalização e saúde*. Trad. de Helga H. Reinhold. Petrópolis: Vozes, 1990.
- XAUSA, Izar Aparecida de Moraes. *A psicologia do sentido da vida*. Petrópolis: Vozes, 1986.
- XAUSA, Izar Aparecida de Moraes et al. *Revista de Logoterapia Vitae*, Porto Alegre, v. 1 (1), 1987.

2 – Dissertações e monografias

- BEYER, Hugo Otto. *O Ensaio de sentido da vida do adolescente na Escola*. Porto Alegre. 1988. Tese (Mestrado) – UFRGS.
- CHIAPPETTI, Angelina Di Marco. *Análise Existencial do AMOR*. 1988. (Monografia) – Curso de Especialização em Psicoterapias Humanístico-Existenciais: LOGOTERAPIA, PUCRS, Porto Alegre.
- EHLERS, Eliane Ferreira. *A arte de viver e a logoterapia*. 1988. (Monografia) – Curso de Especialização em Psicoterapias Humanístico-Existenciais: LOGOTERAPIA, PUCRS, Porto Alegre.
- FAINGLUS, Mara E. W. *Do criativo ao sentido*. 1988 (Monografia) – Curso de Especialização em Psicoterapias Humanístico-Existenciais: LOGOTERAPIA, PUCRS, Porto Alegre.
- HENRÍQUEZ, David Alex. *Uma tentativa de validação do LOGO-Teste de Elizabeth Lukas para a população brasileira*. 1990. (Monografia) – Curso de Especialização em Psicoterapias Humanístico-Existenciais: LOGOTERAPIA, PUCRS, Porto Alegre.
- FAREJA HERRERA, Guillermo. *V. E. Frankl*. 1984. Tese (Doutorado) – Universidade Íbero Americana, México.
- SCHRAMM, Maria de Lourdes. *A dignidade do deficiente mental reconhecida pela logoterapia*. 1988 (Monografia) – Curso de Especialização em Psicoterapias Humanístico-Existenciais: LOGOTERAPIA, PUCRS, Porto Alegre.
- SOARES, Darci Magalhães. *O valor da LOGOTERAPIA no aconselhamento religioso*. 1987. (Monografia) – Curso de Especialização em Psicoterapias Humanístico-Existenciais: LOGOTERAPIA, PUCRS, Porto Alegre.
- XAUSA, Izar Aparecida de Moraes. *Logoterapia: uma psicologia humanista e espiritual*. 1985. Tese (Mestrado) – PUCRS, Porto Alegre.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

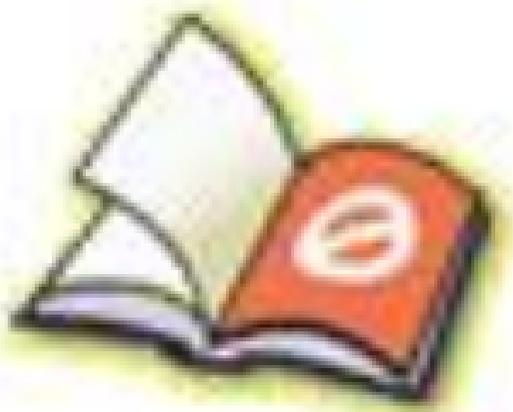


You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

- ESTRADA, Javier & FAREJA HERRERA, Guillermo. Aspectos fenomenológicos de la logoterapia. In: ENCONTRO LATINO-AMERICANO HUMANÍSTICO-EXISTENCIAL: LOGOTERAPIA, 1, Porto Alegre, SOLAL, 1984/fotocópia.
- ESTRADA, Javier. O sentido da vida. In: ENCONTRO LATINO-AMERICANO HUMANÍSTICO-EXISTENCIAL: LOGOTERAPIA, 1, Porto Alegre, SOLAL, 1984b/fotocópia.
- _____. El vacío existencial y la frustración existencial. In: ENCONTRO LATINO AMERICANO HUMANÍSTICO-EXISTENCIAL: LOGOTERAPIA, 1, Porto Alegre, SOLAL, 1984c/fotocópia.
- ETCHEVÉRRY, Juan Alberto. Acto logoterapéutico. In: CURSO DE FORMAÇÃO EM LOGOTERAPIA, 1, Porto Alegre, SOLAL, 1984a/fotocópia.
- _____. Aproximación a la obra de Viktor Frankl. In: ENCONTRO LATINO AMERICANO HUMANÍSTICO-EXISTENCIAL: LOGOTERAPIA, 1, Porto Alegre, SOLAL, 1984b/fotocópia.
- _____. Noodinamismos y psicodinamismos. In: ENCONTRO LATINO-AMERICANO HUMANÍSTICO-EXISTENCIAL: LOGOTERAPIA, 1, Porto Alegre. SOLAL, 1984a/fotocópia.
- FORGHIERI, Yolanda Cintrão et al. O humanismo e o existencialismo no Brasil hoje. In: ENCONTRO LATINO-AMERICANO HUMANÍSTICO-EXISTENCIAL: LOGOTERAPIA, 1, Porto Alegre, SOLAL, 1984/gravação.
- FRANKL, Viktor E. O sentido da vida e a dignidade humana. In: ENCONTRO LATINO-AMERICANO HUMANÍSTICO-EXISTENCIAL: LOGOTERAPIA, 1, Porto Alegre, SOLAL, 1984/fotocópia.
- _____. Logoterapia: o que é e para que serve. In: ENCONTRO LATINO-AMERICANO HUMANÍSTICO-EXISTENCIAL: Logoterapia, 1, Porto Alegre, SOLAL, 1984c/fotocópia.
- HERNANDEZ, Carlos. La creencia como un recurso de salud. In: ENCONTRO LATINO-AMERICANO HUMANÍSTICO-EXISTENCIAL: LOGOTERAPIA, 1, Porto Alegre, SOLAL, 1984/fotocópia.
- HOECK, Lothar. Personalidade e dimensão existencial transcendente. In: ENCONTRO LATINO-AMERICANO HUMANÍSTICO-EXISTENCIAL: LOGOTERAPIA, 1, Porto Alegre, SOLAL, 1984/fotocópia.
- IGLESIAS, Martha G. de. Logoterapia e esperança. In: ENCONTRO LATINO-AMERICANO HUMANÍSTICO-EXISTENCIAL: LOGOTERAPIA, 1, Porto Alegre, SOLAL, 1984/fotocópia.

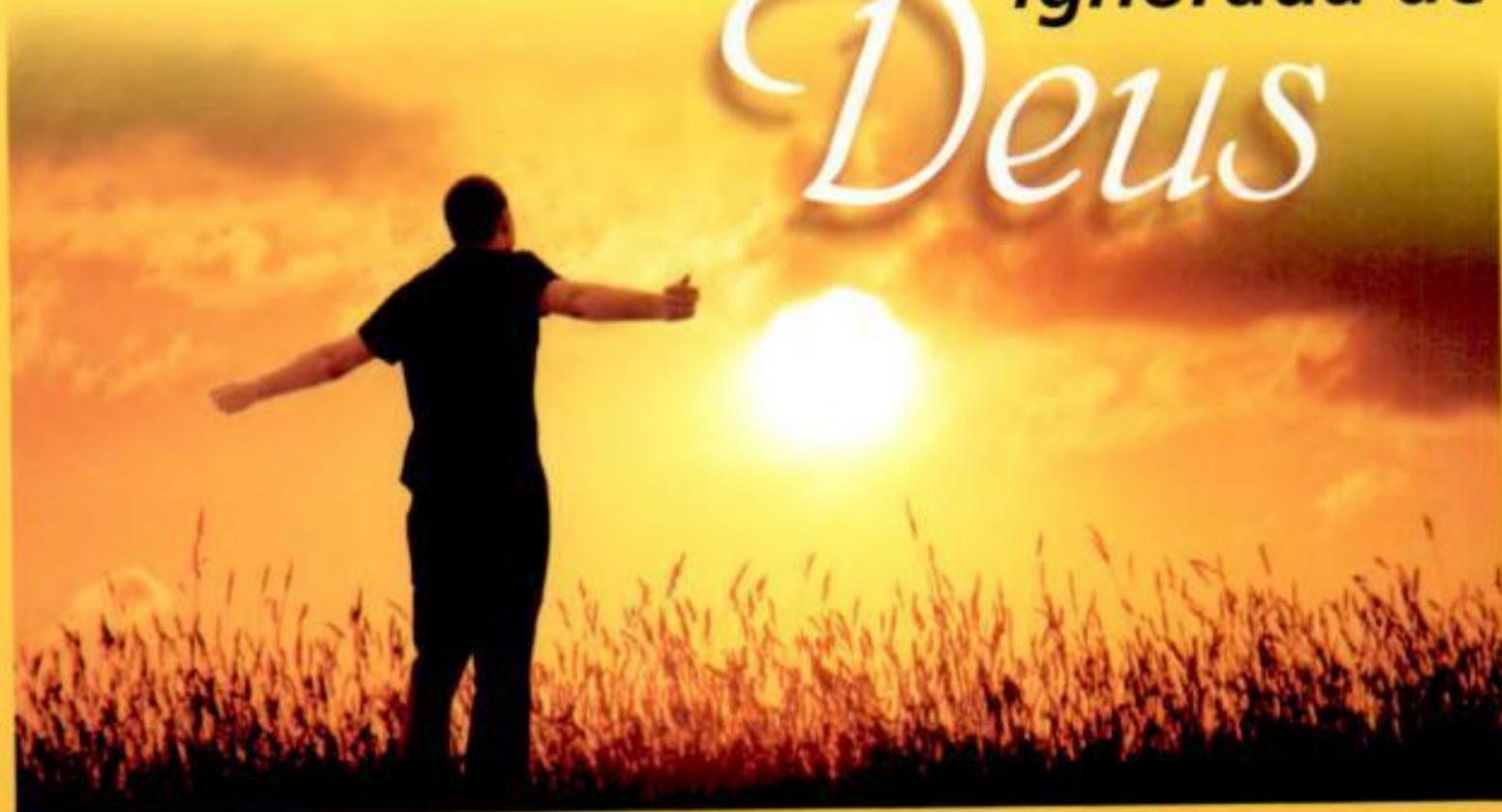


You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

Viktor E. Frankl

*A presença
ignorada de*

Deus



Nesta obra, Frankl vai às profundezas do espírito humano, ultrapassando as fronteiras do psicofísico em direção à consciência, ao inconsciente espiritual e à existência humana – à pessoa profunda. E nesta profundidade encontra a manifestação da presença de Deus.

Conforme Frankl, "(...) a análise existencial descobriu, dentro da espiritualidade inconsciente do ser humano, algo como uma religiosidade inconsciente no sentido de um relacionamento inconsciente com Deus, de uma relação com o transcendente que, pelo visto, é imanente no ser humano, embora, muitas vezes, permaneça latente. (...) Essa fé inconsciente da pessoa, que aqui se nos revela e está englobada e incluída no conceito de seu 'inconsciente transcendente', significaria então que sempre houve em nós uma tendência inconsciente em direção a Deus, que sempre tivemos uma ligação intencional, embora inconsciente, com Deus. E é justamente este Deus que denominamos de Deus inconsciente".



 EDITORA
VOZES

ISBN 978-85-233-0887-2



9 788523 308872